

personagem

DEPOIS DE ENFRENTAR TRÊS CÂNCERES E PRESTAR 16 CONCURSOS PÚBLICOS, AUDITOR-FISCAL CONTA EM LIVRO E PALESTRAS SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

“Os estudos me ajudaram no tratamento”

Estudar para concurso público não é nada fácil. Ainda mais para o cargo de auditor-fiscal da Receita Federal, um dos dez mais disputados do Brasil, com média de 250 candidatos por vaga. Desde que entrou na faculdade de Administração de Empresas da Universidade Estadual do Ceará, o fortalezense Thales Bezerra, de 34 anos, mirava a estabilidade da carreira pública. Mas o sonho foi ainda mais difícil para ele, que prestou um total de 16 concursos até conquistar, em 2012, sua sonhada posição. Aos 25 anos, Thales descobriu um raro tumor estromal gastrointestinal de reto (Gist).

“Os problemas começaram no início de 2008. Eu estava casado havia poucos meses e morava em Floriano, no Piauí, onde exercia o cargo de analista tributário da Receita Federal. Comecei a sentir umas dores no cóccix [pequeno osso na parte final da coluna vertebral]. Como morava numa cidade com pouca estrutura médica, fui a Fortaleza para fazer exames. Foi detectado algo anormal no reto e os médicos decidiram retirar cirurgicamente”, lembra ele, que lançou no ano passado o livro *Tudo que passei para*

Thales e Cristiane, com Celina: união nos momentos difíceis



passar – Quando desistir não é uma opção (Editora Impetus), no qual narra sua história de superação.

Para Thales, a situação era ainda mais complicada, porque ele é portador da doença de Von Willebrand, patologia hemorrágica semelhante à hemofilia. Para ser submetido a qualquer procedimento cirúrgico, ele precisa receber aplicações intravenosas de uma substância coagulante fornecida pelos hemocentros. “Essas aplicações devem ocorrer durante vários dias após a intervenção. A cirurgia foi realizada em agosto de 2008, e o material retirado, enviado para biópsia. Esse foi o contexto em que recebi a pior notícia da minha vida, quando descobri que estava com câncer”, reconhece.

Thales recebeu a confirmação da doença ao lado da mulher – também concuseira –, Cristiane Bezerra, de 33 anos, que desabou com a notícia. Naquele momento, ele cogitou não contar a todos da família sobre seu câncer. “Quando o médico disse que



Fotos: arquivo pessoal

“No início, nem minha família foi a favor de que eu voltasse a estudar para concurso. Mas acho que os estudos me ajudaram, pois tiravam um pouco o foco da doença, e eu focava mais no meu sonho”

era câncer, minha esposa desabou a chorar. Me vi na situação mais difícil da minha vida: ter que me controlar para ainda poder ajudar minha mulher.”

Em casa, chamou a mãe e contou a verdade para ela, pedindo que não contasse para o pai nem para os irmãos. “Não queria vê-los sofrendo por mim”, almejou, para, em seguida, mudar de ideia. “Naquele momento, ouvi as sábias palavras da minha mãe. Ela disse que eu já estava carregando um peso muito grande para me preocupar com os outros e que todos deveriam saber para poder me ajudar. Assim foi o começo da minha luta contra o câncer. Meus pais, meus irmãos e a Cris me dando toda a força necessária. Eles foram fundamentais na minha recuperação”, admite.

DESISTIR JAMAIS

Os estudos também ajudaram muito. Mesmo com toda a dificuldade do tratamento, Thales não desistiu, chegando a passar quatro horas por dia sobre os livros e ainda trabalhando normalmente em Fortaleza, para onde conseguiu transferência por motivo de saúde. “Sempre me imaginei chegando à melhor idade e me perguntando, ao olhar para trás, se teria valido a pena tudo que fiz. Acho que essa prestação de contas futura sobre o meu passado sempre foi uma das maiores motivações para eu continuar estudando. No início, nem minha família foi a favor de que eu voltasse a estudar para concurso. Eles diziam que eu já havia sido aprovado e que deveria focar no tratamento. Mas, na verdade, acho que os estudos me ajudaram, pois tiravam um pouco o foco da doença, e eu focava mais no meu sonho, ser auditor-fiscal da Receita Federal do Brasil”, revela.

A vida de concurseiro de Thales foi repleta de altos e baixos, por conta de problemas de saúde. “Sempre que achava que tinha chance de ser aprovado, vinha um novo problema de saúde. No último concurso que fiz, para auditor-fiscal, a Cris foi diagnosticada com câncer na tireoide. Mas dessa vez, com a graça de Deus e muita força de vontade, fui aprovado”, festeja.

QUIMIOTERAPIA ORAL

Entre 2008 e 2010, Thales foi submetido a quatro cirurgias para remover três tumores de alta malignidade. Após as cirurgias, ficava internado por cerca de sete dias. Se não fosse pela doença de Von Willebrand, iria para casa dois dias após cada procedimento. Nesses dois anos, sofreu com muita dor. Principalmente em 2010, quando, aparentemente, não havia razão para tantas dores, pois os exames não detectavam nenhuma anormalidade. “Cheguei a ser aconselhado a procurar um psiquiatra. Mas eu insistia que havia algo errado. Até que finalmente foi descoberto outro tumor. Em setembro de 2010, passei pela quarta cirurgia e tive que começar a fazer quimioterapia oral”, conta.

A doença de Cristiane, em 2012, quando ela já havia sido aprovada no concurso para analista de controle externo do Tribunal de Contas do Estado do Ceará, foi mais uma provação. “Ela descobriu a doença em maio, faltando dois meses para a abertura do edital do concurso para auditor-fiscal. Eu estava em casa quando Cris me ligou chorando muito, após o médico dizer que havia sido detectado um carcinoma papilífero na tireoide. Lembro-me dela me perguntando: ‘E agora? O que vamos fazer?’ Nesse momento, senti a mesma impotência que ela tanto havia sentido. Então, eu a acalmei dizendo que,

“É muito prazeroso ver o quanto as pessoas se emocionam com minha história e o quanto posso trazer de força para elas encararem suas dificuldades”

juntos, poderíamos superar qualquer problema. E assim foi, pois um mês depois ela fez a cirurgia e foi um sucesso.” Após um ano de iodoterapia, teve alta. Em março de 2015, Cristiane deu à luz uma menina, batizada de Celina, que significa “a que vem do céu”.

Já a quimioterapia oral de Thales continua, com muitos efeitos colaterais, como enjoos, crises de labirintite, dores musculares e enxaquecas duradouras. “A medicina não sabe dizer se a quimioterapia me curou ou se apenas controla a doença. Infelizmente, é uma dúvida com a qual tive que aprender a conviver. Nunca pensei em desistir do tratamento, pois sempre soube que, ao lado de Deus, ele seria minha única salvação”, resigna-se.

MENTE E FÉ

O medo foi outro desafio a ser vencido. “Eu pensava: ‘Como ficaria minha família caso eu não sobrevivesse? Como deixar minha esposa com apenas seis meses de casamento?’ Graças a Deus, esses pensamentos não duraram muito, e eu consegui



erguer a cabeça e lutar com todas as forças. Ainda não posso dizer que venci, mas posso afirmar, sim, que encaro a luta com a postura de alguém que vai vencer um dia”, diz, confiante.

Thales tem muita fé na cura. “A doença pode ser física, mas não tenho dúvida de que boa parte do tratamento passa pela mente e pela fé. Manter o pensamento positivo e a fé é fundamental. Claro que, eventualmente, essa postura pode diminuir um pouco. Aí entra a importância de se cercar de amigos e familiares e restabelecer toda energia positiva a seu redor. Sou católico e respeito todas as religiões. Até a ausência delas. Mas não consigo imaginar passar por tudo isso sem acreditar em um Deus. Lembro-me das vezes em que eu saía de maca em direção ao centro cirúrgico, e os médicos me deixavam no corredor à espera da liberação da sala. Quem não tem fé pode sentir, naquele breve instante, que está sozinho. Mas isso nunca aconteceu comigo. Sempre tive Deus como minha mais fiel companhia”, reconhece.

REALIZAÇÃO DE SONHOS

No ano passado, Thales lançou o livro *Tudo que passei para passar – Quando desistir não é uma opção*, no qual narra as dificuldades enfrentadas pela maioria dos concurseiros. Além de dar dicas para conseguir a aprovação num concurso público, ele conta sua história de superação. “Muitas pessoas me perguntam se o livro foi escrito apenas para quem quer passar num concurso. Não é. Ele se destina, também, a todos que estão passando por um problema ou que buscam a realização de um sonho.”

A motivação para escrever o livro veio de um episódio do quadro “Lar Doce Lar”, que mostra casas reformadas pela equipe do programa *Caldeirão do Huck*, da TV Globo. “O programa contava a história de Maria Cristina, de 26 anos, moradora de Duque de Caxias (RJ), que tinha ficado paraplégica aos 14, após ser atingida, no abdômen, por uma bala perdida. O projétil perfurou rim, bço, pâncreas, intestino e três vértebras. Essa jovem era casada e tinha dois



filhos. O mais novo estava recém-operado de um problema de nascença na perna. Eles viviam em uma casa muito simples e se sustentavam apenas com o salário do marido, de R\$ 700. A jovem tinha vários motivos para ser infeliz, mas não era. Fiquei impressionado como ela conseguia manter o sorriso diante de tantos problemas. Maria Cristina disse duas frases que me marcaram muito: ‘Não tem uma noite de choro que não venha com uma manhã de alegria’ e ‘Acho que na vida a gente tem duas opções: ou viver bem ou não viver. Eu escolhi viver’. Esse foi o ‘tapa na cara’ que eu precisava para acordar para a vida novamente. Não me entreguei mais, mesmo depois de todos os problemas que passei e que passo até hoje. Essa história me fez tão bem que falei para mim mesmo que, depois que superasse os meus problemas, iria contar minha própria história. Pois da mesma forma que a Maria Cristina me ajudou, eu poderia ajudar outras pessoas que estivessem passando por momentos difíceis”, desabafa.

Além do livro, sua trajetória é contada em palestras que ele ministra. “É muito prazeroso ver o quanto as pessoas se emocionam com minha história e o quanto posso trazer de força para elas encararem suas dificuldades”, vibra Thales, que ainda é um dos coordenadores do Mente Vencedora Concursos, entidade que presta consultoria na preparação de concurseiros de todo o Brasil. “É muito bom poder ajudar os alunos a alcançarem seus sonhos”, completa. Realizado como auditor-fiscal, Thales dá sua carreira de concurseiro por encerrada. ■